

*"Better Dead than 'Fallen'":
A 'Dupla Perspectiva' segundo Elizabeth Gaskell*

Paula Alexandra Varanda Ribeiro Guimarães
Universidade do Minho

XVIII ENCONTRO DA A.P.E.A.A.

Instituto Politécnico da Guarda

20-22 de Março de 1997

"Better Dead than 'Fallen'": A 'Dupla Perspectiva' segundo Elizabeth Gaskell

Elizabeth Gaskell incluiu, no início de um dos capítulos do seu primeiro romance, um mote no qual faz um alerta quase bíblico: "Know the temptation ere you judge the crime!"¹; alerta esse revelador de uma doutrina 'Unitária' tolerante.² Um outro mote incluído no mesmo romance dá, no entanto, uma ideia de implícita condenação: "Then guard and shield her innocence, / Let her not *fall* like me; / 'Twere better, Oh! a thousand times, / She in her *grave* should be."³ Estes dois exemplos poderiam facilmente resumir a atitude essencial da autora, que é uma de ambivalência, em relação àquilo que os seus contemporâneos resolveram designar como "the Great Social Evil".

Em *Mary Barton*, romance publicado em 1848 e inspirado pelo seu contacto com as classes trabalhadoras de Manchester, Gaskell pretendeu efectivamente colocar as mais óbvias 'franjas' da sociedade do seu tempo no centro de um debate público. A acção principal desenrola-se no seio dos conflitos industriais e mostra bem os sentimentos de marginalização vividos pelo operariado fabril. Inicialmente também ela uma operária, Esther (a personagem em questão) vê-se colocada definitivamente à margem do sistema quando, por vaidade pessoal e depois por força das circunstâncias, é levada a prostituir-se. Ao tentar sondar a mente de uma mulher que perdeu a sua reputação e ao transmitir a impotência desesperada perante o espectáculo da sua degradação física e moral, Gaskell procurou dissipar um pouco o 'tabu' que rodeava aquelas mulheres desafortunadas: "To whom shall the outcast

¹ 'Street Walks', *Mary Barton*, Penguin Classics, Harmondsworth, 1985, cap. 14, p. 206.

² A Igreja Unitária, de origem protestante, acreditava na unidade de Deus e negava a santa trindade.

³ Mote, *Mary Barton*, cap. 10, p. 157. A ênfase dada pelas palavras em itálico é minha.

prostitute tell her tale? Who will give her help in the day of need? Hers is the leper-sin and all stand aloof dreading to be counted unclean"⁴.

Apesar de através desta intriga secundária Gaskell tentar incutir nos seus leitores as qualidades cristãs da compaixão e do perdão, logo no início do romance não deixa de abertamente condenar as atitudes da jovem operária, através de John Barton, seu porta-voz: "I see what you'll end at with your artificials, and your fly-away veils, and stopping out when honest women are in their beds; you'll be a street-walker, Esther."⁵ Tantas vezes a acusação de leviandade é feita que acaba fadidamente por se concretizar; passados alguns meses, Barton reencontra nas ruas de Manchester uma Esther alterada — a própria personificação do pecado: "the glaring paint", "the gauze bonnet, once pink, now dirty white; the muslim gown, all draggled, and soaking wet up to the very knees", "her large, unnaturally bright grey eyes"⁶. A sua reacção mais imediata é de repúdia e de desprezo por um membro da sua família ter 'escolhido' aquele modo de vida, resultando posteriormente numa irredimível condenação de todo o bairro operário.

A história de Esther representa a versão estereotipada da prostituta, um dos temas sensacionalistas frequentemente presentes na literatura vitoriana de menor qualidade. Mas a causa da 'queda' de Esther era, infelizmente, bastante usual na época — o resultado da paixão e do amor traído. Tendo partido com um oficial do exército para Chester, sob a promessa de aquele casar com ela, Esther tem uma filha. Passado algum tempo, ele é obrigado a partir com o seu regimento para a Irlanda, de onde não regressa mais. A vida de Esther começa então a deteriorar-se progressivamente, não podendo já saciar a fome nem cuidar da criança. Ela própria admite o impulso desesperado que a faz tomar tão irreversível atitude: "So I went out into the street one

⁴ Gaskell, *Mary Barton*, cap. 14, p.207.

⁵ *Mary Barton*, cap. 1, p. 43.

⁶ *Ibidem*, cap. 10, p. 168-169.

January night", fazendo a mesma pergunta que Gaskell pretendia colocar aos seus leitores: "Do you think God will punish me for that?"⁷

Ao longo do romance, Gaskell dá-nos constantemente a entender que, embora de carácter imperfeito, Esther é basicamente boa. Além de se arrepende profundamente da sua própria situação, ela procura ainda praticar o bem através de um alerta para que outras como ela não caiam no mesmo tipo de vida. Assim, ela fará o possível para salvar a sua sobrinha, Mary, de um contexto que a levaria finalmente à prostituição: "How can I keep her from being such a one as I am; such a wretched, loathsome creature!", "I began to fear for her, for I saw she was light-hearted, and pleased with his attentions", "As she is loving now, so did I love once; one above me far."⁸ Mas Gaskell não considera a hipótese de que um mesmo tipo de atitude cristã possa salvar Esther do seu destino. Quando Jem Wilson, um vizinho, se oferece desinteressada e espontaneamente para a ajudar: "Come home with me (...) and tomorrow I will see if some honest way of living cannot be found for you."⁹, a própria Esther não parece ter força interior para recomeçar uma nova vida e reconhece esse facto imediatamente: "I could not lead a virtuous life if I would. (...) I must have drink. Such as live like me could not bear life if they did not drink."¹⁰ Ao acrescentar o pecado de um novo 'vício' à sorte desta mulher, Gaskell retira-lhe toda e qualquer hipótese de reabilitação; nas próprias palavras de Esther: "I am past hope". Esta atitude parece reflectir a convicção dos reformistas seus contemporâneos de que a mulher que pratica uma vez a prostituição está inevitavelmente condenada.

Se olharmos para o que acontece a Esther no final de *Mary Barton*, numa descrição profundamente simbólica: "*fallen* into what appeared simply a heap of white or light-coloured clothes, fainting or *dead*, lay the poor *crushed Butterfly* —

⁷*Ibidem*, cap. 14, p. 210.

⁸ *Ibidem*, cap. 10, p. 170, cap. 14, p. 209 e 212.

⁹ *Ibidem*, cap. 14, p. 212-213.

¹⁰ *Ibidem*.

the once *innocent* Esther."¹¹, vemos que a inocente 'borboleta' (a sua alcunha) foi finalmente 'esmagada' e que as palavras "fallen" e "dead" confundem os seus significados. A nota de esperança expressa inicialmente por Mary: "bring her home, and we will love her so, we'll make her good", e posteriormente por Jem: "she shall go to America with us; and we'll help her to get rid of her sins."¹², não parece ter produzido efeito em Gaskell.

Em Março de 1850, dois anos depois, a autora publica um conto sobre a mesma temática em *Household Words*. *Lizzie Leigh* é a história de uma jovem que vai servir para Manchester, é seduzida e fica grávida, sendo conseqüentemente despedida. Lizzie vê-se forçada a entrar para um asilo, de onde acaba por sair para ir para as ruas, onde se torna finalmente uma prostituta. A diferença em relação a *Mary Barton* é que a preocupação de Gaskell é agora central na história. E é também nos começos da década de 1850 que os movimentos feministas¹³ e filantrópicos mais se reflectem na sua obra, sobretudo *Cranford* e *Ruth*. Estes romances podem efectivamente ser lidos como textos feministas, influenciados pelas primeiras mentoras daqueles movimentos — Harriet Martineau, Mary Howit e Anna Jameson, amigas de Gaskell. No entanto, e apesar de ter apoiado as campanhas para a educação e emprego das mulheres¹⁴, organizadas por activistas com o mesmo 'background' Unitário — Bessie Parks, Barbara Leigh Smith, Adelaide Procter, Miranda e Octavia Hill¹⁵, a autora sentiu-se sempre muito 'perturbada' por radicalismos excessivos.

Mas *Ruth*, publicado em 1853, é o romance de Gaskell que melhor reflecte os resultados do seu trabalho filantrópico, assim como o 'peso' da sua doutrina

¹¹ *Ibidem*, cap. 38, p.465. A ênfase dada pelas palavras em itálico é minha.

¹² *Ibidem*, cap. 38, p.463.

¹³ Em 1851, a primeira petição a favor do sufrágio feminino foi apresentada na Câmara dos Lordes, juntamente com o artigo de Harriet Taylor, *The Enfranchisement of Women*.

¹⁴ Gaskell chegou mesmo a assinar a petição para a alteração das leis que diziam respeito à propriedade das mulheres casadas, proposta por Barbara Smith (Bodichon).

¹⁵ Estas formavam o famoso núcleo de Langham Place e do *Englishwoman's Journal*, que se tornou activo na década seguinte.

Unitária.¹⁶ Na concepção de Ruth Hilton, a autora baseia-se sobretudo na sua experiência de reabilitação das "fallen women". Por volta de 1850, a piedade de Gaskell foi despertada pela situação de uma rapariga de dezasseis anos, chamada Pasley, que ela tinha visitado na prisão de New Bailey, em Salford. Tendo sido aprendiz de uma costureira, Pasley fora entregue a uma outra mulher que serviu de cúmplice na sua 'sedução' por um médico. Forçada a entrar numa penitenciária, encontrou outra mulher que a introduziu na prostituição. Depois de meses de desespero, durante os quais foi obrigada a beber e a roubar, a rapariga acabou na prisão. Foi a pedido de Thomas Wright, um filantropo e um seu colaborador, que Gaskell resolveu visitá-la; pouco depois escrevia a Dickens pedindo-lhe que enviasse a jovem para outro continente num dos seus navios de emigração mais respeitáveis.¹⁷ Estas colaborações fortaleceram a sua convicção de que a sociedade era a principal responsável pelo fenómeno da prostituição.

Os destinos de Pasley e do homem que a seduziu sugerem de algum modo os de Ruth Hilton e de Bellingham. Tal como o médico que seduziu Pasley, Bellingham consegue atingir uma boa posição social e política como membro do Parlamento, sem que a sua carreira seja prejudicada pelo seu relacionamento com Ruth. Pelo contrário, a situação em que Ruth e Pasley são colocadas altera por completo as suas vidas e o seu estatuto social. Quando Ruth dá à luz um filho ilegítimo, ela é renegada como mãe solteira; e o anátema da prostituição está suspenso sobre ela: "any woman contaminated by fornication was put practically on a level with the professional harlot. (...) When social commentators spoke of a young woman who had mothered a bastard as half-way to the streets, they had good reason".¹⁸

¹⁶ Esta doutrina repudiava a do pecado original e recusava-se a acreditar que a natureza do homem fosse originalmente depravada.

¹⁷ Entre 1846 e 1858, Charles Dickens tinha-se associado a "Urania Cottage", associação que se encarregou de enviar muitas mulheres 'perdidas' para as colónias inglesas, com a intenção de lhes possibilitar uma nova vida.

¹⁸ Kellow Chesney, *The Victorian Underworld*, Penguin Books, Harmondsworth, 1976, p.372-373.

Gaskell pretendia atacar o código de ética social que, por um lado, condenava a mulher pecadora e que, por outro, absolvía o homem pecador, mostrando assim o seu repúdio pela 'dupla perspectiva' — fruto da hipocrisia religiosa e moral dos cidadãos ingleses: "Let the same measure of retributive justice be dealt to the seducer who deserts the woman who has trusted him, and allows her to come upon the town"¹⁹; "The adjudication of the social blame is so unequal, the girl being universally discarded while her seducer is courted and caressed".²⁰ Mas, ao contrário de Esther, em *Ruth Hilton*, Gaskell corporizou uma "fallen woman" que nada tinha a ver com uma prostituta; quis mostrar como a própria 'inocência' podia ser maculada por um conjunto de circunstâncias adversas.

Ruth Hilton, uma jovem de apenas dezasseis anos, orfã de ambos os pais e a cargo de um "guardian", é colocada como aprendiz de modista no respeitável estabelecimento de Mrs Mason. Aqui Ruth é obrigada a trabalhar até altas horas da noite, tendo direito apenas a uma refeição frugal e a um pouco de aquecimento; conduzindo-a a um estado descrito como: "a deadened sense of life". Gaskell pergunta: "What became of such as Ruth who had no home and no friends in that large populous desolate town?"²¹ É neste contexto que Gaskell critica a irresponsabilidade moral, o pecado da omissão e a hipocrisia revelados por aquela "slave-driver" que deveria ser uma guardiã: "careless about the circumstances of temptation into which the girls entrusted to her as apprentices were thrown, but severely intolerant if their conduct was in any degree influenced by the force of these temptations."²²

¹⁹ William R. Greg, "Prostitution", *Westminster Review*, 1850, p.504. Citado em M. Fryckstedt, *Elizabeth Gaskell's Mary Barton and Ruth: A Challenge to Christian England*, Acta Universitatis Upsaliensis, Studia Anglistica Upsaliensia 43, Uppsala 1982.

²⁰ Arthur Mursell, *"Gay Life". A Lecture Delivered in the Free Trade Hall, ... 1860 (Manchester)*. Citado em Fryckstedt, *op. cit.*, p.142.

²¹ *Ruth*, The World's Classics, Oxford University Press, Oxford and New York, 1985, cap. III, p. 34.

²² *Ibidem*, cap. IV, p. 54.

O predicamento de Ruth começa depois de Mrs Mason a ter visto na companhia de Bellingham, um jovem aristocrata habituado a gozar impunemente os prazeres da vida. Depois de a acusar de dar má reputação ao seu estabelecimento, a modista ameaça-a de expulsão, não reparando que Ruth toma as suas palavras como definitivas e irreversíveis. Fazendo-a crer abandonada, Bellingham dá-lhe a entender que não lhe resta outra solução senão a de partir com ele. Gaskell apela aqui à compreensão do leitor, dizendo: "Remember how young, and innocent, and motherless she was!"²³ Ao partir para Londres e, mais tarde, para Gales com Bellingham, Ruth inicia a sua descida aos "infernos". No seu percurso de progressivo declínio, tem de enfrentar o repúdio de todos os que com ela se cruzam: Mrs Bellingham acredita que Ruth "led her son astray with her artifices"²⁴ e tenta livrar-se dela ao obter-lhe admissão na penitenciária de Fordham.

Depois de ter sido abandonada por Bellingham e 'salva' quase milagrosamente por um personagem caridoso, Ruth torna-se uma mãe solteira. Faith Benson, irmã do homem que salvou Ruth do suicídio, recua inicialmente perante a perspectiva de se encontrar com uma "sinful woman". Bradshaw, o proprietário e homem de negócios que contrata Ruth como perceptora, expulsa-a de sua casa e acusa-a de corromper as suas filhas quando descobre que afinal ela não era uma 'respeitável' viúva. Gaskell refere-se a este epítome da hipocrisia e do farisaísmo: "... if all had entertained his opinions, (Ruth) would have been driven into hopeless sin".²⁵ Também Jemima Bradshaw, filha dele, se sente horrorizada ao saber-se em contacto com uma mulher "stained with that evil most repugnant to her womanly modesty"²⁶.

Em profundo contraste com estas atitudes, Thrustan Benson, o benfeitor de Ruth, "takes his stand with Christ against the world", corporizando o desafio que Gaskell faz aos seus leitores: "Is it not time to change some of our ways of thinking

²³ *Ibidem*, p. 58.

²⁴ *Ibidem*, cap. VIII, p. 90.

²⁵ *Ibidem*, cap. XXXVI, p. 458.

²⁶ *Ibidem*, cap. XXV, p. 324.

and acting? (...) to every woman who, like Ruth, has sinned should be given a chance of self-redemption"²⁷. Aos olhos do mundo, o 'pecado' de Ruth deriva de uma depravação inata e resulta em opróbrio, ao passo que o comportamento de Bellingham é visto como "the venial errors of youth" e aquele tratado com condescendência. Esta 'dupla perspectiva' é, assim, o alvo principal da crítica que Gaskell faz à ética social prevalecente.

Embora este romance tenha constituído um grande desafio às atitudes sociais da sua época, sobretudo no que respeita a escolha de tema tão delicado, ele possui algumas limitações para o leitor moderno devido ao seu tratamento da transgressão sexual. A excessiva moralização do 'pecado' de Ruth e a insistência nas doutrinas do arrependimento e da expiação arruinam tanto a expressão artística como o intento reformador da obra. Por um lado, Gaskell não se cansa de apontar a pureza, bondade, e inocência da sua heroína ("white as snow", "snow pure"), mesmo depois da sua sedução ter sido consumada — o que por si só é uma ameaça à sua credibilidade. Por outro lado, insiste na necessidade de Ruth se penitenciar, pois ela é culpada tanto aos olhos de Deus como aos do mundo: "Can you accept all this treatment meekly, *as but the reasonable and just penance God has laid upon you* — feeling no anger at those who slight you?"²⁸

Se a história de Ruth tivesse terminado no momento em que ela é finalmente aceite aos olhos de todos pela sua exemplar dedicação como enfermeira num terrível surto de cólera, poderia ter constituído uma lição em como resolver "the Great Evil". Mas isso não acontece. Num impulso trágico, Ruth volta para trás para tratar Bellingham e acaba por contrair ela própria a doença e morrer. Gaskell demonstra implicitamente que a transgressão sexual feminina só pode ser verdadeiramente expiada através da purificação espiritual e da morte física. E os críticos

²⁷ *Ibidem*, cap. XXVII, p. 351.

²⁸ *Ibidem*, cap. XXVII, p. 357.

contemporâneos confirmaram esta impressão: "the scriptural narrative rather points to *spiritual salvation* than *wordly restoration*"²⁹.

Ao fazer com que ambas as suas "fallen women" (Esther e Ruth) morram no final dos romances, Gaskell dá razão àqueles que acreditavam que a 'destruição' de tais mulheres fazia parte da purificação da sociedade que as 'produziu'. Mas esta resolução não constitui uma novidade. Os leitores vitorianos assimilaram, mais uma vez e de boa vontade, esse tipo convencional presente agora na obra gaskelliana: "Prostitutes can appear if idealized or good-hearted, *or if they die*, (...) the mid-nineteenth century in its fiction could stomach fallen women, illegitimate children (...) provided that certain rules are observed: that (...) they are *peripheral*, that there is no reward for vice, or if there is, it is *condemned*."³⁰

²⁹ *Spectator*, 15 de Janeiro de 1853. Citado em Angus Easson (ed.), *Elizabeth Gaskell. The Critical Heritage*, Routledge, London and New York, 1991, p. 212. A ênfase dada pelas palavras em itálico é minha.

³⁰ Wendy Craik, *Elizabeth Gaskell and the Provincial Novel*, Methuen, London, 1975, p. 48.